



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## A INTRODUÇÃO DO GADO ZEBUÍNO E A POLÊMICA SOBRE O MELHORAMENTO DO REBANHO BOVINO DO ANTIGO SUL DE MATO GROSSO (FINS DO SÉCULO XIX – INÍCIO DO XX)

**Paulo Roberto Cimó Queiroz<sup>1</sup>; Carlos Alberto Solaliendres Fialho<sup>2</sup>**

UFGD – FCH, C. Postal 364, CEP 79804-970 – Dourados, MS – e-mail: [pauloqueiroz@ufgd.edu.br](mailto:pauloqueiroz@ufgd.edu.br)

<sup>1</sup>Prof. da graduação e pós-graduação em História.

<sup>2</sup>Bolsista PIBIC/CNPq/UFGD 2013-2014

### RESUMO

Na região correspondente ao atual estado de Mato Grosso do Sul, a presença de rebanhos bovinos é registrada desde o século XVII. A pecuária, entretanto, somente se tornou uma atividade econômica importante a partir da primeira metade do século XIX. Nessa época, o gado “crioulo” da região era formado pela raça “pantaneira” ou “cuiabana”, proveniente do gado ibérico trazido por portugueses e espanhóis. Desde meados do mesmo século a região passa a exportar gado magro, que, depois de engordado nas invernadas de Minas Gerais, era encaminhado para o mercado consumidor representado por Rio de Janeiro e, depois, São Paulo. A partir de fins desse século, começam a ser introduzidos na região, a título de melhoramento do rebanho, reprodutores da raça zebu (gado indiano), processo esse que acabou por gerar um intenso debate sobre qual seria o melhor “agente regenerador” do gado existente. O presente estudo consiste em descrever e analisar o referido processo, avaliando os argumentos pró e contra o zebu, bem como as iniciativas de introdução de “raças finas” (europeias). Como fontes serão utilizados, além de material bibliográfico, obras memorialistas.

**Palavras chaves:** Zebu, “Raças finas”, História

### INTRODUÇÃO

Na região do antigo Sul de Mato Grosso, correspondente ao atual estado de Mato Grosso do Sul (região aqui chamada, para abreviar, de SMT), a pecuária bovina esteve, desde muito cedo, ligada a importantes fenômenos socioeconômicos e culturais. Já no século XVII registra-se a existência de um rebanho bovino, ligado à presença, nessa região, de súditos espanhóis – gado esse que, após a retirada dos espanhóis, deu origem a um rebanho “selvagem”, o chamado “gado alçado”, que veio a justificar o nome da região, situada no sul do atual Mato Grosso do Sul, chamada precisamente de *Vacaria*. Todavia, no SMT, a pecuária bovina somente se tornou uma atividade econômica mais importante na primeira metade do século XIX. Nessa época, com a chegada de migrantes vindos da região de Cuiabá e também

das vizinhas províncias de Minas Gerais e São Paulo, a pecuária bovina passou a ser regularmente praticada tanto no Pantanal quanto nos campos e cerrados do Planalto sul-mato-grossense – aliás expulsando ou eliminando, nesse processo, muitos povos indígenas que até então habitavam esses espaços (Corrêa Filho, 1926; Esselin, 2011; Corrêa, 1999; Queiroz, 2008).

A partir do início da segunda metade do século XIX, o SMT começa a vivenciar um forte processo de expansão da pecuária, vindo a tornar-se uma área exportadora de gado para a região Sudeste do Brasil. O gado era exportado “magro”, em morosas boiadas que seguiam para Minas Gerais – onde, depois de engordado nas invernadas, seguia para o abate nos centros consumidores: Rio de Janeiro e também, mais tarde (a partir de fins do século XIX), a cidade de São Paulo (Corrêa, 1999; Queiroz, 2008; Leite, 2003). Normalmente, o gado era adquirido, nas próprias fazendas do SMT, por comerciantes (os “boiadeiros”) que vinham de Minas Gerais, especialmente Uberaba.

É importante notar que, ao mesmo tempo, esses comerciantes mineiros traziam, para venda, reprodutores da raça denominada *franqueira* – os quais eram cruzados com o gado “crioulo” da região, isto é, a raça “pantaneira” ou “cuiabana”, proveniente do gado ibérico trazido por portugueses e espanhóis (Lisboa, 1909, p. 136; o autor esclarece que o franqueiro era o resultado do cruzamento do gado “crioulo” de Minas com gado europeu, p. 138). Por volta de 1890, os “boiadeiros” mineiros começaram a trazer, ao invés dos franqueiros, reprodutores da raça zebu, introduzidos em Minas já havia alguns anos (Corrêa Filho, 1926, p. 41; é importante observar que o referido zebu é de procedência indiana).

Assim, segundo Lisboa, no começo do século XX, a raça *pantaneira* ou *cuiabana* predominava, ainda, apenas “no norte e centro da baixada [pantaneira], principalmente nos vales do Alto Paraguai, do Cuiabá, no S. Lourenço e Coxim”, enquanto “no sul da baixada e no planalto” esse gado já estava “muito cruzado com as raças *franqueira*, zebu e china” (Lisboa, 1909, p. 137). O autor esclarece que a raça *franqueira* era a que havia dado “melhor e mais abundante cruzamento com o pantaneiro” (p. 137) – isso, porém, “principalmente no pantanal”, visto que “nas campinas do planalto ele de há muito cedeu o lugar ao tão discutido zebu” (p. 139).

Essa notável presença do zebu no SMT é enfaticamente apontada também por Corrêa Filho: “Introduzido no Brasil, no início do último quartel do século passado, o zebu tardou a

chegar ao Triângulo mineiro, mas quando aí penetrou, poderia repetir o cesariano *veni, vidi, vinci*<sup>1</sup>” (1926, p. 41).

O que se percebe é que, à medida que se amplia a demanda pelo gado sul-mato-grossense, por parte do mercado consumidor, esse gado torna-se foco de especulações ligadas ao seu melhoramento genético, visando de maneira clara uma melhor inserção em outros mercados. Isto se explica também pelo fato de que, cada vez mais, a pecuária ganha importância no âmbito econômico do SMT, sendo vista como a grande força motriz proporcionadora do desenvolvimento regional.

Assim sendo, a presente pesquisa teve como foco principal a investigação do processo de introdução de raças zebuínas no SMT e das discussões suscitadas nesse processo, assunto esse que ainda não foi objeto de estudos acadêmicos mais profundos.

Os argumentos favoráveis à introdução do zebu consistiam em sua “rusticidade”, ou seja, capacidade de adaptação a quaisquer condições de clima e pastagem, e em sua resistência às longas caminhadas, ou seja, aquelas entre o SMT e o mercado consumidor (Marques, 192, p.151).

Os argumentos contrários foram verbalizados principalmente por Lisboa. Esse autor aponta, em primeiro lugar, “no cruzamento do zebu com o gado de origem europeia”, a “rapidez da degenerescência”: “O cangote desaparece na quarta geração e com ele as presumidas vantagens do cruzamento, pois volta o gado à sua pequena estatura de crioulo” (1909, p. 139). Para Lisboa, no caso do SMT, “o cruzamento do crioulo com o *Bos Indicus*” seria “funesto ao futuro da criação do gado”; ele explica: “Comparada a relação da grande e pesada carcaça com o peso útil ficam muito diminuídas” as qualidades dessa raça “como produtora de carne”, e além disso “o seu acentuado cheiro e gosto de almíscar [...] ficará permanente nesse gado que requer constante cruzamento de sangue puro. Como gado leiteiro é simplesmente péssimo, tanto considerando-se a qualidade como a quantidade” (p. 152); por outro lado, “quanto à fecundidade e precocidade”, acrescenta, “ela não excede à de outras raças do Brasil” (p. 153).

Finalmente, ainda segundo Lisboa, a introdução do zebu no sul de Mato Grosso, efetuada pelos “boiadeiros de Uberaba” no curso dos “últimos dois decênios” (1909, p. 139), atendia principalmente aos interesses desses intermediários:

O boiadeiro é comerciante e não criador, e as qualidades que ele requer para o gado a ser introduzido como regenerador são, em primeiro lugar, uma grande resistência para as grandes marchas do sertão e depois bastante corpulência, e é necessário convir que raça alguma europeia satisfaz tão prontamente (pode dizer-se também tão

---

<sup>1</sup> Expressão latina que significa “vim, vi e venci”, denotando uma vitória rápida e fácil.

efemeramente) essas condições. Se acrescentarmos que ao intermediário a rápida degenerescência do gado mestiço resultante se traduz, para ele pessoalmente, em qualidade e não defeito, pois é o fator mais importante para a alimentação de um comércio permanente de importação de touros zebus mais ou menos puros, teremos plenamente justificado o seu entusiasmo pela raça (Lisboa, 1909, p. 152).

É importante ressaltar que, para Lisboa, com a iminente construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, ligando o SMT a São Paulo, iria desaparecer a suposta vantagem representada pela resistência do zebu às longas marchas a pé, uma vez que o gado passaria a ser transportado pela ferrovia (1909, p. 153; a linha tronco dessa estrada de ferro, ligando Bauru (SP) ao Porto Esperança, às margens do rio Paraguai, foi efetivamente inaugurada em 1914).

Vale notar que, em contraposição à introdução do zebu, houve tentativas de introduzir no SMT as chamadas “raças finas”, isto é, raças originárias da Europa como *Devon*, *Shorthorn* e *Hereford* – tentativas essas realizadas, por exemplo, pelas empresas *Brazil Land, Cattle & Packing Co.* e Companhia Mate Laranjeira (Barros, 1922, p. 34).

Atualmente, como se sabe, as raças zebuínas, como principalmente o nelore, são predominantes no rebanho bovino de Mato Grosso do Sul (Bacha, 2005). Assim sendo, considero justificada a presente pesquisa pelo fato de se referir a um aspecto importante e pouco conhecido da história sul-mato-grossense, relacionado a uma atividade econômica que, ainda hoje, detém grande relevância no estado.

## **METODOLOGIA E FONTES**

Nesta pesquisa foram utilizadas fontes documentais e bibliográficas. A bibliografia foi basicamente composta de livros e trabalhos acadêmicos, encontrados na internet e no Centro de Documentação Regional (CDR) da Faculdade de Ciências Humanas da UFGD. As fontes consistiram em livros, trabalhos acadêmicos e artigos de periódicos, não só de História como de Geografia, Economia, Zootecnia etc., antigos e atuais. Como referência para o estudo, foi utilizada a obra de Wilcox (1992), que constitui, até hoje, o mais completo estudo sobre a história da pecuária mato-grossense/sul-mato-grossense.

## PRIMEIRO CONTATO

O processo de introdução do gado zebu na região do SMT (atual Estado do Mato Grosso do Sul) teve início na porção de planalto conhecida como Campos de Vacaria por volta do ano de 1900. Tal processo se deu através de boiadeiros<sup>2</sup> oriundos de Uberaba que vinham até a região do antigo sul de mato-grosso comprar gado “magro” que posteriormente seria engordado e revendido nos estados da região do sudeste do país (Corrêa Filho, *A propósito do boi pantaneiro*, p. 41). Em dado momento tais boiadeiros trouxeram consigo alguns reprodutores de origem zebu que acabaram por serem rapidamente assimilados aos rebanhos locais, deflagrando deste modo o esboço do que viria ser o processo de “azebuamento” do rebanho “nativo” da região. A aceitação do zebu por parte dos criadores da região de planalto se deu de forma positiva, sem alguma efetiva resistência, sendo a raça bem vista pelos referidos criadores. Contudo, quando o zebu começa a despontar em direção ao Pantanal, percebe-se uma grande dificuldade na inserção do gado indiano. Essa dificuldade estava ligada, em um primeiro momento, às condições climáticas do local e, a *posteriori*, à não aceitação dos pantaneiros por ser um gado “bravio”, dificultando o manejo, mantendo desta forma o gado pantaneiro livre do “azebuamento” por mais duas décadas (Corrêa Filho, 1926; Barros, 1922). É importante frisar que tais boiadeiros vendiam os reprodutores zebuínos a preços bastante elevados, chegando à proporção em que um reprodutor valia o preço equivalente a um lote de gado “magro” (Corrêa Filho, 1926).

## A LACUNA

Com o processo de introdução do gado zebu e sua rápida expansão pelas regiões de planalto, começa uma série de discussões referentes a tal processo. Contudo, antes de frisar tais discussões, chamo a atenção para um aspecto que muito me incomoda e que acabou por tornar-se um dos objetivos desta pesquisa: no tocante ao processo de introdução do zebu na região do SMT, há uma lacuna no que se refere a qual subespécie foi primeiramente introduzida na região. Sabendo-se que, atualmente, 80% do rebanho de *gado vacum* nacional é composto por zebuínos e que mais de 90% desses pertencem à subespécie Nelore, torna-se

---

<sup>2</sup> Convém ressaltar que a palavra “boiadeiro”, no caso, designava o comerciante de gado e não as pessoas responsáveis pela condução das boiadas (essas pessoas eram os “peões”, mais especificamente os chamados “peões de boiadeiro”).

curioso que nenhuma das fontes trabalhadas apontou com clareza algum dado que vá ao encontro desta problemática. Torna-se relevante esse esclarecimento para melhor traçar a herança genética do rebanho no dado recorte temporal. Ao se trabalhar a junção de dados técnicos oriundos da Zootecnia e Veterinária com fontes provenientes de relatos da época, ficou evidente a discrepância entre os mesmos. A estratégia utilizada por mim foi comparar características fenotípicas e comportamentais com os relatos anteriormente mencionados, sendo que tais relatos apontam sempre três pilares básicos acerca da caracterização do zebu: primeiro, sua rusticidade; segundo, seu difícil manejo (como já mencionado) e terceiro, sua baixa taxa de lactação (Lisboa, 1909; Corrêa Filho, 1926; Barros, 1922; Gomes, 2004; Marques, 1923), lembrando que em referido recorte havia apenas três subespécies zebuínas que são pilares, sendo elas: Gir, Guzerá e Nelore.

Sobre a rusticidade do gado zebu, isso acaba por se tornar um argumento favorável ao mesmo, se mantendo como conceito válido em dias atuais, sobre as outras duas características. Quanto à taxa de lactação, sabe-se que indivíduos da subespécie Gir possuem uma alta taxa (gado leiteiro) e são exemplares dóceis; o Guzerá apresenta características semelhantes às do Gir, com uma menor taxa de lactação e sendo destinado mais à produção de carne; já o Nelore possui uma baixa taxa de lactação, sendo que, sobre seu comportamento, me deparei com fontes divergentes entre si: umas apontando uma docilidade e outras uma agressividade; neste ponto encontrei pressupostos norteadores, especificamente, em artigos estritamente destinados ao estudo do comportamento do zebu e sobretudo do Nelore, sendo que tais artigos apontam o manejo como sendo o principal fator delineador do comportamento do gado, pois um manejo inapropriado acaba por causar estresse no animal, gerando desta forma uma postura agressiva do mesmo (Burrow, 1997; 2000).

Tal fator acaba por trazer uma maior atenção nas formas de manejo realizadas na época, lembrando da não existência do dito *curral inteligente* aos moldes australianos, que acabava por forçar o peão a realizar a prática chamada de “parar o rodeio”, que implicava na utilização de métodos totalmente rústicos no trato com o animal, causando demasiado estresse para ambas as partes. Desse modo, acredito que há, sem dúvidas, uma visão “romantizada” (em um sentido negativo), por parte de determinados autores, acerca do comportamento do zebu. Veja-se, por exemplo, o que escreve o próprio Corrêa Filho:

Tornaram-se conhecidas e temidas pelos boiadeiros as fazendas acolhedoras do zebu, cujos produtos [crias], à míngua da assistência desvelada que reclamam, foram se malignando de geração em geração. Daí se causou a resolução tomada por alguns criadores do pantanal, de sacrificarem à bala os seus reprodutores gibosos [zebu], que, nos *rodeios*, investiam contra os cavaleiros, dificultando o trabalho (Corrêa Filho, 1926, p 44-45).

Ainda sobre referido debate, são imprecisas as informações sobre qual foi a primeira subespécie zebuína a entrar na região. Não há relatos sobre a classificação das subespécies zebuínas que foram inseridas na região durante o final do século XIX, havia uma generalização (todas eram conhecidas apenas como zebus, sem diferenciação entre elas). Já na primeira década do século XX surgem os primeiros esforços para traçar uma classificação dos exemplares zebus que entravam na região. Alguns autores defendem que ambas as subespécies foram introduzidas simultaneamente (Bacha, 2005, p. 21). Chamo atenção para a menção, já no ano de 1908, à presença de animais POI (“puro de origem importado”), sendo das raças Nelore e Guzará, que teriam sido trazidos da região de Uberaba a mando de Soriano Corrêa da Silva, tido como sendo o primeiro fazendeiro a introduzir no SMT indivíduos de classificação POI (Ferreira e da Rosa, 1998).

Ao buscar esclarecimentos no órgão de representação dos criadores de Nelore do Brasil (ACNB), notei que suas fontes apontam para a presença de Nelore no Brasil já na segunda metade do século XIX, porém não há menção a indivíduos da subespécie Nelore presentes na região, dentro do referido recorte cronológico. Quando comparados os relatos presentes nas fontes da época, com os dados técnicos referentes ao comportamento/características das subespécies zebuínas, nota-se uma profunda discrepância entre os mesmos, sendo apenas uma característica concordante entre eles: a baixa taxa de lactação, característica essa presente nos indivíduos pertencentes à subespécie Nelore, contudo, como já mencionado, a presença de exemplares desta subespécie remete ao ano de 1908, portanto, em face dessas contradições, não me foi possível, nesta pesquisa, chegar a uma conclusão definitiva a esse respeito.

De todo modo, sabe-se da existência, no período trabalhado, de dois momentos de grande importação de gado zebu POI no Brasil. Entre 1893 a 1914, foram importados 2.000 animais diretamente da Índia, sendo que metade foi destinada ao Triângulo mineiro e oeste do Estado de Minas Gerais, transformando esse estado no pólo da raça zebu no Brasil; de 1914 a 1921 houve uma extensiva importação de 3.300 zebus, que foram destinados a várias regiões do país (Wilcox, 2009, p. 90). Mas em nenhum momento fica claro quais subespécies foram trazidas para o Brasil nessas ocasiões. Além disso, há registros precisos de uma grande importação de gado zebu POI, realizada por uma coalizão de pecuaristas em grande parte mineiros, no começo da década de 1960, a qual teria sido a última grande importação de gado zebu POI realizada no Brasil (Bacha, 2005).

Sobre aspectos referentes à introdução zebuína em dada região e período, as evidências apontam um forte processo de mestiçagem que ocorria nos reprodutores zebuínos,

antes que os mesmos chegassem aos campos de Mato Grosso (Lisboa, 1909) – tornando deste modo, como já foi dito, imprecisa a identificação da primeira subespécie zebuína a ser introduzida na região do SMT. Fator este que acaba por se transformar em um dos centros de ferrenha discussão sobre a introdução do zebu no SMT, pois o fato de um reprodutor ser mestiço e ser utilizado como agente de cobertura acabava por se desdobrar em uma pouca durabilidade das características genéticas apreciadas nos zebus, perdendo totalmente as mesmas já na terceira geração, forçando desta forma uma constante reposição de reprodutores (Lisboa, 1909), cabendo lembrar que tais reprodutores não eram baratos.

## O DEBATE

A partir do momento em que o rebanho regional começa a ganhar importância no cenário econômico nacional e mundial, começa a polêmica sobre qual seria o melhor “agente regenerador” do rebanho “nativo”, pois muitos dos indivíduos pertencentes a uma elite local não nutriam nenhuma simpatia pelo gado zebu, enxergando-o mais com alcunha de *praga* do que de *salvador*. Neste momento tem-se uma polarização entre os prós e os contra zebu, e em tal ponto que surgem os argumentos utilizados pelas partes para defender seus respectivos pontos de vista. O principal argumento utilizado na defesa do zebu estava ligado à sua rusticidade e alta adaptabilidade às condições climáticas e nutritivas, pois, quando comparado com o rebanho “nativo”, o zebu possuía maior peso e maior altura, membros longos e fortes que proporcionavam melhor resistência e opção no tangente a percorrer grandes distâncias – cabendo lembrar que as invernadas do SMT eram destinadas apenas às chamadas “cria e recria”<sup>3</sup>, enquanto a engorda era feita nas invernadas paulistas, mais próximas do seu local de abate (Barros Netto, 1979; Corrêa Filho, 1929; Esselin 2011). Por outro lado, os opositores do zebu possuíam o entendimento de que o rebanho de gado crioulo “nativo”, embora fosse de grande qualidade, não possuía determinados pressupostos que o colocariam em posição de igualdade no mercado, quando comparado aos rebanhos oriundos do estado do Rio Grande do Sul, do Uruguai e da Argentina. Para eles, entretanto, a solução não estava em adotar o zebu: seus argumentos giravam em torno da “degeneração” da raça, isto é, a ideia de que o zebu perdia muito rapidamente suas características originais, forçando a constante reposição de reprodutores por parte do criador, como fica evidente no trecho a seguir:

Qualquer campo infestado por um reprodutor desta classe (zebu), tem seu rebanho condenado a minguar no porte e peso, em cada geração que passa. A degeneração,

---

<sup>3</sup> Fases iniciais do processo de produção do gado.



alias notória e patente, é agravada e apressada pelas levas de rebotalho, mestiços e cruzados, com que o Triangulo Mineiro inunda os desavisados sertões. O admirável gado pantanaleiro, que manteve intactos os seus traços originários, através mais de dois séculos de criação às leis da natureza, bem merece ser preservado desta mácula em cuidadosa seleção, para alicerçar de futuro os núcleos formadores das raças de sangue nobre. Seria culpa imperdoável deixá-lo perecer na onda corruptora, tendo ao alcance a taboia salvação (Barros, 1922, p. 34).

Outro ponto de forte crítica estava relacionado com o peso do zebu: dizia-se que eram animais mais pesados, mas não por possuírem bastante carne e sim pelo fato de sua carcaça ser maior; assim, a diferença de peso acabava por ser ilusória, sendo o zebu considerado o grande responsável pelo baixo preço da carne do rebanho regional (Lisboa, 1909; Gomes, 1922; Barros, 1922). Sua baixa taxa de lactação e seu difícil manejo também foram argumentos utilizados pelos opositores do zebu. Tais opositores eram, portanto, favoráveis à utilização das chamadas “raças finas” como “agentes regeneradores” do rebanho “nativo”: tais raças são de origem europeia, sendo as mais cotadas para o referido processo as raças *Shorthorn*, *Hereford* e *Devon*.

## O PANTANAL

Até o momento minhas análises circundaram a região de planalto, onde o zebu não se deparou com grandes empecilhos. Contudo, quando as atenções se voltam para uma análise de sua introdução no Pantanal, tem-se um momento crucial que será bastante aclamado pelos defensores do zebu. Como já mencionado anteriormente, o zebu passou por dificuldades quando se deparou em solo pantaneiro. Seu primeiro contato não fora nada satisfatório, contudo, quando, mais tarde, começaram a surgir as primeiras crias provindas da cruza entre o gado pantaneiro (gado crioulo de origem ibérica, já bastante adaptado à região) e o zebu, ocorreu um processo de aperfeiçoamento do gado pantaneiro: quando os rebanhos do Pantanal começaram a passar pelo processo de *azebuamento*, observou-se, segundo alguns autores, o aparecimento de um gado extremamente adaptado à região pantaneira, com maior peso e maior rusticidade (Abrão, 1983; Barros Netto, 1979).

[...] é aquele ‘acrioulado’, ou seja, nativo do lugar. Trata-se de um gado originalmente de raça europeia, mas que veio, paulatinamente, sendo cruzado com o zebu. Hoje é um gado de grande rusticidade e boa mestiçagem zebu. Esse gado acrioulado por 100 anos, naturalmente que se veio moldando de acordo com as condições ecológicas encontradas. Hoje, se bem que sendo um gado totalmente diferente do primitivo, dada a introdução do touro zebu, tornou-se grandemente resistente ao meio ambiente, tendo mesmo seus exemplares adquirido algumas

condições de adaptação, não encontradas por vezes em reses alienígenas (Barros Netto, 1979, p. 72-73).

O gado zebu mostrou-se bastante adaptado tanto com os períodos das águas como com o inverno. Períodos estes que, no Pantanal, se apresentam trazendo grandes dificuldades para os criadores e seus rebanhos. O interessante é perceber a construção que se faz do Pantanal na época: ele é representado como sendo uma espécie de “paraíso perdido”, intocado pela “civilização”, detentor de imensos rebanhos de gado alçado com representantes de magníficos exemplares do típico gado pantaneiro, detentor de vastas pastagens de excelente qualidade, recursos minerais inesgotáveis e indispensáveis à prática da pecuária extensiva; cria-se até mesmo o conceito de que lá o gado se cria sem necessidade da interferência humana (Corrêa Filho, 1955).

O Pantanal tornou-se assim o grande agente preconizador de pressupostos darwinianos, pois o gado que ali procriava era altamente adaptado à região e cria-se o conceito de que nem as pragas hematófagas eram capazes de subjugar tais exemplares do gado *vacum* – fazendo-se valer a lei segundo a qual somente os mais adaptados sobrevivem (Corrêa Filho, 1955). No entanto, referidos conceitos sobre o Pantanal são melhor trabalhados e esclarecidos por outros autores. A grande quantidade e qualidade do gado, a qualidade das pastagens e a existência das salinas<sup>4</sup>, tidas como indispensáveis para a prática da pecuária extensiva na região, ganham melhor análise na obra *A criação empírica de bovinos no Pantanal da Nhecolândia*, escrita por José de Barros Netto.

Tal obra desmistifica determinados conceitos atribuídos ao Pantanal. Barros Netto afirma que, devido às difíceis condições lógicas da região o gado se cria solto, com pouca intervenção humana: não que o gado não precise dessa intervenção, mas pelo fato de que se torna inviável um manejo mais contínuo do rebanho. Sobre as pastagens, Barros Netto afirma que realmente trata-se de boas pastagens, que o ciclo das águas ajuda na renovação delas, porém não se deve sobrecarregá-las e, se possível, deve-se fazer a utilização do sistema de rotação de pastagens, mesclando o capim nativo com um alienígena na região, mais especificamente, a braquiária. Sobre as salinas, o autor afirma que as regiões que possuem tais recursos são mais valorizadas, pois possibilitam ao produtor que o gado fique mais próximo (obviamente se o mesmo construir sua sede próxima de uma salina); no referente à importância delas na nutrição do rebanho, sabe-se que de fato elas exercem um papel nutritivo, porém, não são de extrema importância, pois o sal encontrado nelas é menos

---

<sup>4</sup> Locais, conhecidos como “barreiros”, onde o sal (cloreto de sódio) é encontrado naturalmente misturado ao solo.

proteico que o sal utilizado no processo de salga do gado. Sobre os parasitas hematófagos, Barros Netto afirma que realmente o gado do Pantanal é bem adaptado contra tais seres, contudo, deve-se manter um cuidado quanto a sua infestação. Um ponto que chama bastante atenção, sobre a criação de bovinos no Pantanal, está ligado ao aspecto da baixa lactação de determinadas subespécies (Nelore, por exemplo). Segundo Barros Netto, tal aspecto torna-se de grande importância, justamente por ocasionar a chamada “desternerização precoce” do bezerro, levando a mãe a entrar no cio mais rapidamente, e com os devidos cuidados o bezerro se tornará um indivíduo precoce<sup>5</sup>. Ainda sobre o Pantanal, Barros Netto conclui que o gado zebu se tornou a melhor opção de gado, sendo que, devido à carência logística instaurada no local, as invernadas pantaneiras devem focar-se apenas nas já mencionadas etapas de “cria” e “recria”, pois o processo de engorda torna-se demasiadamente oneroso.

#### ***BRAZIL LAND, CATTLE AND PACKING CO.: A ESPERANÇA ANTI-ZEBUINA***

Sobre as “raças finas”, como já mencionado, a frente opositora ao gado zebu acreditava que a melhor saída para o processo de melhoramento genético do rebanho “nativo” seria recorrer à inserção de raças européias como “agentes regeneradores”, sendo consenso entre eles uma total repulsa aos exemplares indianos. No ano de 1915 houve uma significativa tentativa de introdução das ditas “raças finas”, por parte da empresa *Brazil Land, Cattle and Packing Co.* Esta empresa, pertencente na época ao célebre *Sindicato Farquhar*, possuía várias fazendas no território do então estado de Mato Grosso. No caso, refiro-me aqui à fazenda situada no município de Campo Grande, na região de Planalto conhecida como Campos de Vacaria: a antiga fazenda Capão Bonito, com mais de 150 mil ha de extensão (cf. Corrêa Filho, 1926, p. 48). Em 1915 a *Brazil Land* importou matrizes e reprodutores da Argentina, Uruguai e do estado do Rio Grande do Sul, das espécies *Hereford*, *Shorthorn*, *Durham* e *Devos*, acreditando que em pouco tempo ela seria capaz de regenerar o rebanho nativo e subjugar a ameaça zebuína. Contudo, no mesmo ano, com a chegada do inverno e seu período de estiagem, as pastagens entraram em seu ciclo de renovação, passando pela escassez de pastagens; com isso, grande parte dos animais importados pela *Brazil Land* morreram, frustrando desta forma seus planos para a regeneração do rebanho nativo (Gomes, 1922). Mesmo assim, no ano seguinte, foi realizado o mesmo procedimento do ano anterior, entretanto houve a primeira prática, registrada na região, da técnica de rotação de pastagens: a

---

<sup>5</sup> Animal precoce é aquele que atinge a fase adulta antes do período habitual.

*Brasil Land*, antevendo o período de estiagem, fez a utilização do plantio de pastagens estrangeiras a região, as quais, juntamente com o capim nativo, integravam a fonte de alimentação do gado. Com o sistema de rotação de pastagens a *Brasil Land* conseguiu lograr algum êxito. Segundo Arlindo de Andrade Gomes – ferrenho opositor do zebu – houve uma boa cruz, entre animais das “raças finas” e animais do rebanho “nativo”:

A constância da Brasil Land venceu. O gado europeu cruzou-se magnificamente com o crioulo, a campo, e um tipo avantajado de gado enche as invernadas desde Lajeado até Capão Bonito. São milhares de exemplares criados a larga, anulando na comparação, o zebu e o rebotalho crioulo inutilizado pelo sangue indiano (Gomes, 1922, p. 67).

O mesmo autor acreditava que nascera ali o grande pólo de oposição à “ameaça” zebuína na região, embora esse fator ainda não se fizesse valer:

Os reprodutores herefords, durhams, devons e caracus adquiridos estão ainda muito longe de determinar uma modificação na massa indiana, imediatamente. O que está feito, porém, representa um grande esforço. Pode-se dizer que Campo Grande iniciou a reforma da pecuária em Mato Grosso. Em Capão Bonito adotou-se um regime misto de pastos artificiais e naturais em pequenos poteiros. Só existe meia estabulação para raros animais, muito finos. O sul de Mato Grosso, do rio Pardo até a fronteira, na região Serrana, será em breve um centro criador de raças finas, só tendo competidor no Rio Grande do Sul (Gomes, 1922, p. 68).

As autoridades locais não viam o zebu com bons olhos, e, na tentativa de frear o avanço do gado indiano, chegaram a criar incentivos fiscais visando o auxílio para os pecuaristas que utilizassem as raças finas em seus rebanhos (Indicador das leis e decretos..., p. 170).

## **RELAÇÃO ENTRE A FERROVIA NOROESTE E AS TENTATIVAS DE INTRODUÇÃO DAS “RAÇAS FINAS” ACIMA MENCIONADAS**

Um dos grandes opositores do gado zebu, Arrojado Lisboa, acreditava que, com o advento da ferrovia Noroeste do Brasil, o gado zebuino seria deixado de lado pelos produtores, pois, segundo Lisboa, uma de suas grandes qualidades referia-se à capacidade de percorrer grandes distâncias, e essa não seria mais necessária, pois o escoamento do rebanho regional far-se-ia agora via ferrovia. Porém, esta discussão estava mais voltada para a região de planalto, onde de fato havia um “polo” produtivo das chamadas “raças finas” (*Brasil Land Cattle and Packing Co.*). Lembrando que a região pantaneira, na época, pouco ou nada interferiu neste processo, pois, devido à maior distância em que se encontrava dos mercados consumidores, a ferrovia Noroeste do Brasil pouco muda o cenário pantaneiro. Além disso,

sabe-se que, nos anos posteriores à inauguração do trecho ferroviário de Bauru a Porto Esperança (1914), a ferrovia teve um papel relativamente apagado no que concerne ao escoamento do rebanho regional:

O fluxo de gado bovino do SMT para São Paulo não foi propriamente capturado pela Noroeste, nem a presença da ferrovia estimulou de imediato a produção, em larga escala, de gado gordo, que pudesse ser encaminhado diretamente ao abate nos frigoríficos paulistas. Ao contrário, até praticamente o pleno advento da era rodoviária, já na década de 1960, grande parte da exportação bovina sul-matogrossense continuou nos moldes rotineiros, a saber, gado magro, encaminhado a pé, nas tradicionais boiadas, para a engorda nas invernadas paulistas (Queiroz, 2008, p. 56).<sup>6</sup>

Assim, o advento da ferrovia não impediu a continuação do processo de *azebuamento* do rebanho “nativo” do SMT, na medida em que as condições do transporte continuaram a sustentar a necessidade da utilização de um gado mais rústico.

---

<sup>6</sup> A esse respeito, ver Queiroz (2004) e Leite (2003).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de sua característica introdutória, acredito que o presente trabalho pode minimamente configurar alguns pressupostos de importância no tocante aos aspectos regionais vigentes no assunto tratado. Sua característica multidisciplinar, que perpassa por diversas áreas como Zootecnia, Geografia e Economia, além da História, acaba por proporcionar uma série de desdobramentos que provavelmente servirão de grande ajuda para minimamente se compreender determinados fatores ligados à história do SMT e regiões circunvizinhas. Penso que determinadas discussões aqui apresentadas precisam ser melhor trabalhadas. Contudo, a necessidade de não se ater apenas a uma única compreensão dos fatores envolvidos resultou, neste momento, em pouca profundidade nas discussões. Acredito porém que, mesmo assim, o trabalho acaba por mostrar a diversidade de problemáticas que podem e devem merecer a atenção dos pesquisadores interessados em um melhor conhecimento da história sul-mato-grossense, aspectos esses que, apesar de importantes, acabam sendo relegados a um segundo plano de interesses na esfera da produção acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à UFGD e ao CNPq, pelas oportunidades de pesquisa oferecidas e pela bolsa concedida.

## REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Vera L. dos Santos [1983]. *A pecuária em Corumbá: uma contribuição ao estudo da natureza das relações de produção e de trabalho no Pantanal*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FFLCH/USP.
- ALBUM graphico do estado de Matto-Grosso [1914]. Org. por S. C. Ayala e Feliciano Simon. Corumbá, Hamburgo, 1914. 433 + 69 p.
- BACHA, Jussimara Barbosa da Fonseca [2005]. *Chico Carvalho: na estrada do nelore*. Campo Grande: Gráf. e Ed. Ruy Barbosa, 2005.
- BARBOSA, Emílio G. [1963] *Panoramas do sul de Mato Grosso*. Campo Grande: Correio do Estado, 1963.
- BARROS NETTO, José de [1979]. *A criação empírica de bovinos no Pantanal da Nhecolândia*. São Paulo: Ed. Resenha Tributária, 1979.
- BARROS, Paulo de Moraes [1922]. *O sul de Matto-Grosso e a pecuária*. [S. l.]: Sociedade Rural Brasileira, 1922.

- BURROW, H. M. Variances and covariances between productive and adaptive traits and temperament in composite breed of tropical beef cattle. *Livestock Production Science*, v. 70, p. 213-233, 2001.
- BURROW, H. M. Measurements of temperament and their relationships with performance traits of beef cattle. *Animal Breeding Abstracts*, v. 65, n.7, p.477-494, 1997.
- BURROW, H. M.; DILLON, R. D. Relationships between temperament and growth in a feedlot and commercial carcass traits of *Bos indicus* crossbreds. *Australian Journal of Experimental Agriculture*, v. 37, p. 407-411, 1997.
- CORRÊA FILHO, Virgílio [1926]. *A propósito do boi pantaneiro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1926.
- CORRÊA FILHO, Virgílio [1955]. *Fazendas de gado no pantanal mato-grossense*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola, 1955.
- CORRÊA, Lúcia Salsa [1999]. *História e fronteira: o Sul de Mato Grosso, 1870-1920*. Campo Grande: Ed. UCDB, 1999.
- ENDLICH, Rodolpho. A criação do gado vacum nas partes interiores da América do Sul. *Boletim da Agricultura*, São Paulo, diversos números (1902 e 1903).
- ESSELIN, Paulo Marcos. *A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do Pantanal Sul-mato-grossense (1830-1910)*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.
- FERREIRA, Francisco Fernandes; ROSA, Albino Pereira da. *Maracaju e sua gente*. [S. l.]: [s. n.], 1988.
- GOMES, Arlindo de Andrade [2004]. *O município de Campo Grande em 1922*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2004.
- INDICADOR das leis e decretos do Estado de Matto-Grosso (1890 a 1935): organizado por um funcionario do Thesouro do Estado. Cuiabá: Livraria e Papelaria União, [s.d.].
- LEITE, Eudes Fernando. *Marchas na história: comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal*. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande: Ed. UFMS, 2003.
- LISBOA, Miguel Arrojado Ribeiro [1909]. *Sul de Mato-Grosso, Oeste de S. Paulo: geologia, industria mineral, clima, vegetação, solo agricola, industria pastoril*. Rio de Janeiro: Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Comissão E. Schnoor, 1909.
- MARQUES, A. [1923] *Matto Grosso: seus recursos naturaes, seu futuro econômico*. Rio de Janeiro: Papelaria Americana, 1923.
- QUEIROZ, Paulo R. Cimó [2004]. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20*. Bauru: EDUSC; Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.
- QUEIROZ, Paulo R. Cimó [2008]. Articulações econômicas e vias de comunicação do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX). In: LAMOSO, Lisandra P. (Org.). *Transportes e políticas públicas em Mato Grosso do Sul*. Dourados: Ed. UFGD, 2008.
- WILCOX, Robert W. [1992] *Cattle ranching on the Brazilian frontier: tradition and innovation in Mato Grosso, 1870-1940*. 1992. Tese (PhD em História) – New York University, New York.
- WILCOX, Robert W. [2009] Ranching and market access in the backlands: Mato Grosso, Brazil, ca. 1900-1940s. *Hist. Crit.* n. 51, Bogotá, septiembre-diciembre 2013. p 71-96.